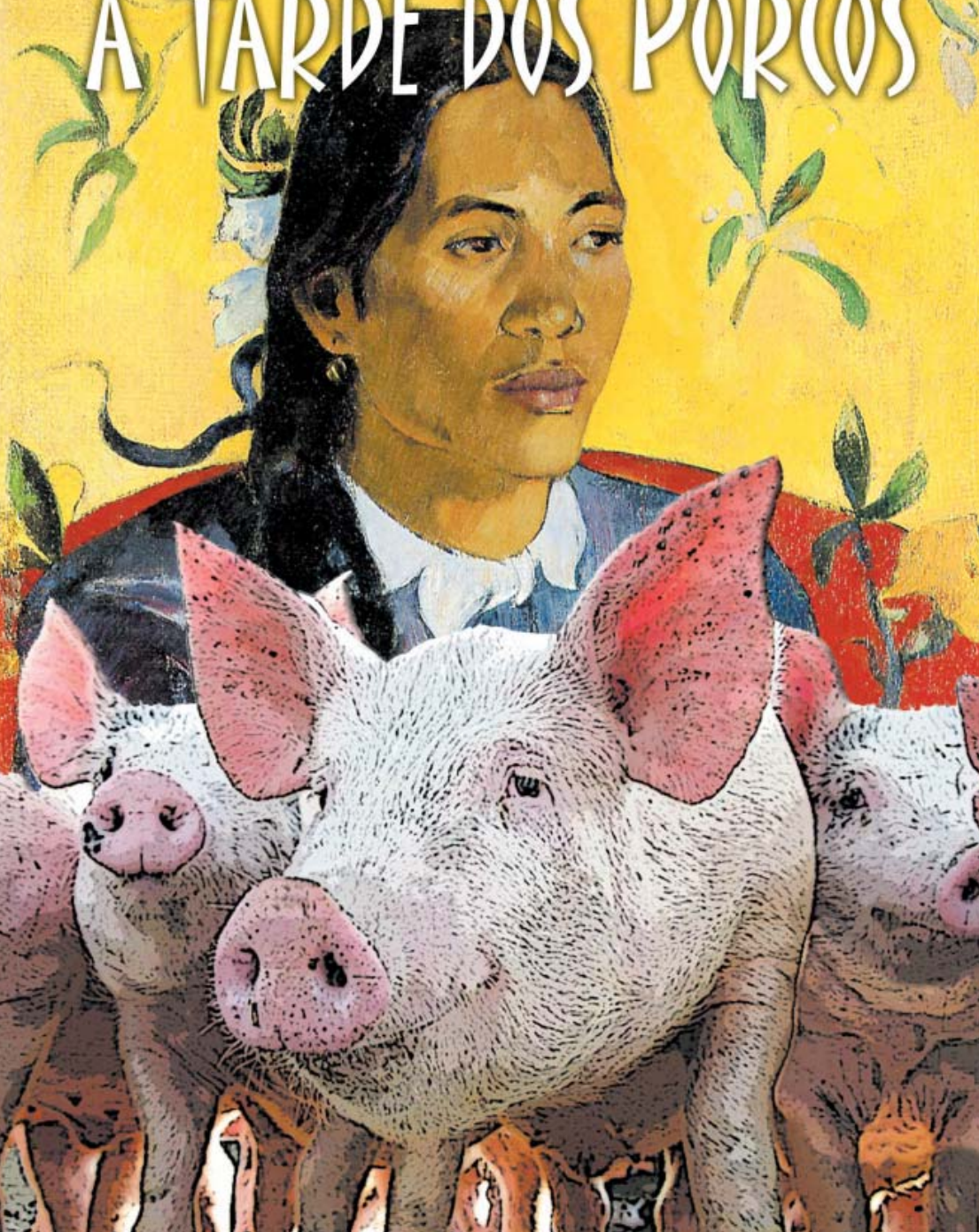


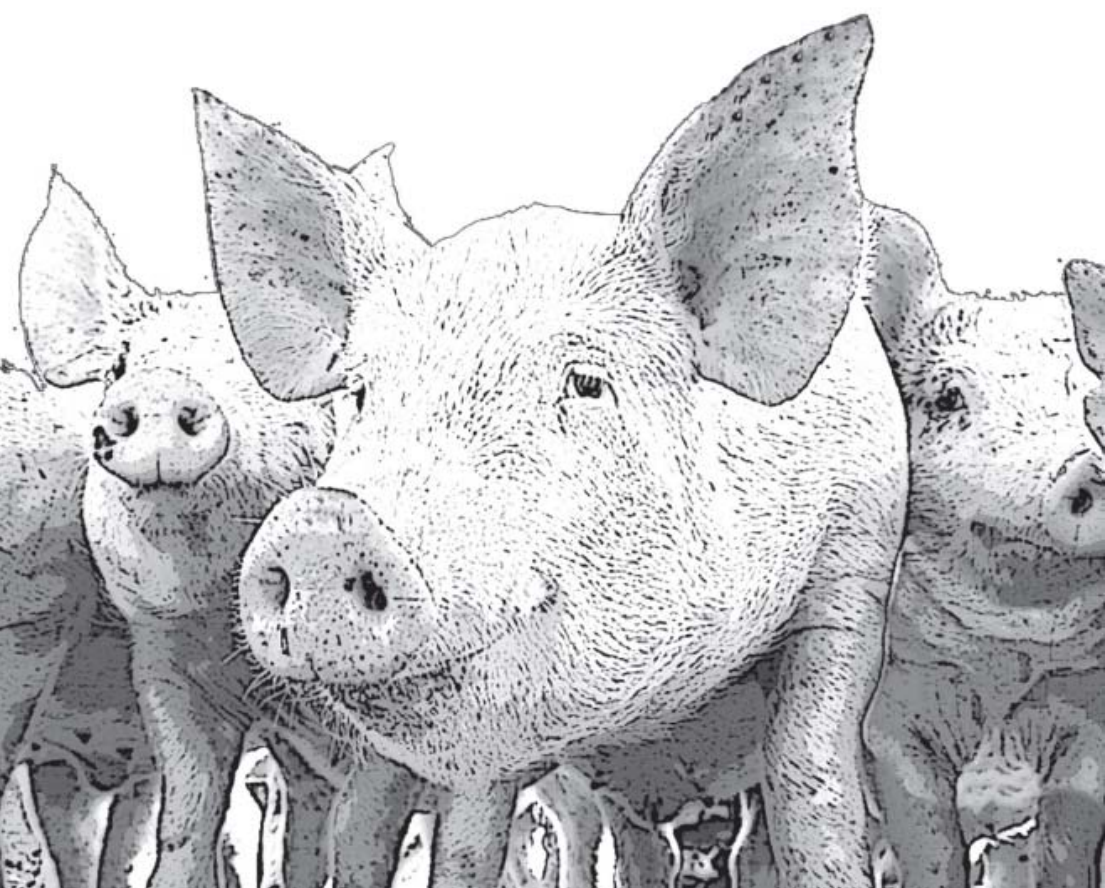
Pedro J. Nunes

A TARDE DOS PORCOS



Pedro J. Nunes

A TARDE DOS PORCOS



© Pedro J. Nunes
2ª edição - 2014
Impressão: 500 exemplares

Capa, projeto gráfico e editoração
Caco Appel

Revisão
Do autor

Impressão e acabamento
Gráfica e Editora Formar

Nunes, Pedro J.

A tarde dos porcos. - Vitória: Cultural &
Edições Tertúlia, 2014. 100 p.; 21 cm. 2ª ed.

ISBN: 978-85-99380-19-2

1. Romance brasileiro. I. Título.

Diretos desta edição reservados a Pedro J. Nunes. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor, constitui violação da Lei de Direitos Autorais - Lei 9.610/98.

CULTURAL & EDIÇÕES TERTÚLIA

www.tertuliacapixaba.com.br

tertulia@tertuliacapixaba.com.br

Para
Cadu

1

Qual de nós poderia explicar o que havia ocorrido naquela tarde chamada por minha família de tarde dos porcos? Encontrávamo-nos reunidos na grande sala num silêncio horroroso, após o jantar, sob os efeitos do acontecimento recentemente passado. Em vez de jogarmos e rirmos e lermos como normalmente fazíamos à noite, principalmente quando tio Inácio estava conosco, silenciávamo-nos, catando sono, para ver se o constrangimento se resolvia.

Lícia, minha irmã, sentada na poltrona em outro canto da sala, ao lado de mamãe, que segurava meio ridícula suas agulhas de tricô sem saber o que fazer com elas, punha os olhinhos apertados no assoalho como se algo terrível pudesse emergir do meio das tábuas. De vez em quando os estirava para mim espremendo os lábios. Isso era certamente uma comunicação amplamente compreendida, e me dava cer-

teza de que nos próximos dias nós dois iríamos ter longas conversas que por enquanto não podíamos ter.

Tio Inácio e papai de vez em quando se moviam, um de cada vez. Era o balé curioso de suas provocações.

Papai se levantava e ia até a varanda olhar a escuridão, voltava de lá com o rosto cada vez mais fechado. Mamãe o olhava ansiosa e aflita, à espera de alguma de suas inesperadas soluções. Isso era compreensível da parte dela, afinal nunca se poderia saber quais seriam as decisões de papai.

Tio Inácio rolava nas mãos a latinha de doce de carambola oferecida a ele por Teodora após o jantar. A operação era lenta, prazerosa. Depois de rolá-la e rolá-la outra vez, tio Inácio a abria lentamente e, com as mãos cheias de doces, ia comê-los na varanda. Ao voltar, sentava-se no seu lugar, pegava a latinha e ficava rolando-a indefinidamente. A operação só iria acabar quando ele comesse o último dos doces. A menos que Teodora enchesse novamente seu pote.

Eu não podia imaginar o que ele pensava da estranha situação em que nos encontrávamos, mas, como era de se supor, parecia estar se divertindo, permitindo a todos na sala ver seu olhar risonho, quase debochado. Às vezes, no entanto, o que era um complexo paradoxo, parecia não estar dando a menor importância a qualquer detalhe do acontecido — exceto pelo fato

de não propor a mim e a Lícia algum de seus misteriosos jogos. Talvez, por não nos perceber muito animados a aceitá-lo, respeitasse nosso estado de ânimo.

Íamos nós nisso quando houve uma pequena interrupção, era Teodora surgida da profundidade do corredor. Toda sem jeito e encolhida de medo e submissão, perguntava se precisávamos de mais alguma coisa, como fazia todas as noites. Mamãe trocou um rápido olhar com papai. Só então respondeu-lhe que não, com um agradecimento. Teodora se retirava para seu quarto quando tio Inácio ressurgiu após comer os doces com os quais há pouco se retirara para a varanda. Veio até o meio da sala, fez uma pequena pausa como se fosse recitar um de seus poemas bem-humorados e e fez a mais inesperada das perguntas:

— Ora, ora, até quando vamos ficar com o porco entalado na goela?

Eu poderia jurar que vi meu pai empalidecer de descrença no que ouvia, mas ainda hoje tenho minhas dúvidas. Ele conseguia ficar indiferente a todas as provocações do cunhado. Ou fingia muito bem.

Tio Inácio, alheio a qualquer reação que meu pai pudesse vir a ter, prosseguiu:

— Isso está ridículo, Jeremias — tinha se aproximado de papai, de modo a falar-lhe baixinho —, isso tudo é ridículo. Não há razão para tanto. Sua decisão não lhe parece um pouco severa? Pronto, volte atrás e tudo se resolve.

Pronto, e tudo se resolve. Eu e Lícia chegamos a nos animar. Para nós era tudo muito simples e uma decisão qualquer tomada por papai resolveria qualquer situação. E, como disse tio Inácio, aparentemente muito bem dito, pronto, tudo se resolveria e voltaria à normalidade.

Papai não respondeu. Sua relação com o cunhado era mesmo de silêncio e desdém. Por isso não foi surpresa que nada respondesse. Não tendo resposta para tio Inácio nem alguma solução por perto, raspando a garganta, ralhou comigo e com minha irmã:

— Hora da cama.

Eu sabia que agora o assunto seria entre adultos, como sabia da impossibilidade de ouvir qualquer palavra que eles trocariam sobre a questão.

A caminho de nossos quartos, seguidos por mãe, Lícia apertou-me a mão.

— Melhor é não pensar muito nisso, Lícia.

— É, talvez seja melhor, papai não disse?

Mas é lógico que estávamos mentindo.

2

Eu sabia que devia concordar com meu pai. Ele me dizia com frequência:

— Você é o segundo homem da casa.

Segundo homem da casa significava que minhas atitudes deveriam ser um espelho das atitudes de meu pai. Das que eu gostava e das que eu não gostava.

A noite havia acabado de chegar quando papai retornou de sua ida aos casebres da pobre gente do sítio para tomar pé da situação. Percebi que ele não sabia que rumo dar ao próprio espanto. Ouvi-o dizer baixinho:

— Canalha de imprestáveis.

Fiquei em dúvida se concordaria com ele em relação aos empregados da fazenda. Canalha de imprestáveis não era uma expressão adequada àquela gente. Papai teria motivos justos para empregá-la? Esse dilema tomou conta de mim e agora me ronda-

va o sono. Eu ouvia todos os ruídos da noite e, a julgar pelo silêncio vindo da sala, não houve nenhum desenrolar da conversa que tio Inácio havia tentado começar. Tudo, na verdade, parecia muito em ordem no resto da casa.

— Deviam, sim, estar caçando meus porcos. Ora essa — ainda ouvia meu pai dizer enquanto segurava nas mãos trêmulas uma xícara de café fumegante um pouco antes.

Para quebrar o silêncio — com que também esperava quebrar meus pensamentos confusos —, fiquei estalando as unhas como se matasse piolhos. Eu costumava fazer isso antes de dormir, colocando as unhas bem perto do ouvido, estalando-as. Mas não estava adiantando.

Pensava em meu pai.

— Você um dia será o homem da casa — ouvia-o dizer.

E enquanto matava dezenas, centenas de piolhos imaginários, ia tentando me convencer se era mesmo melhor pensar exatamente como meu pai pensava a respeito dos últimos eventos, mas uma furtiva alegria se interpunha: o acontecimento daquela tarde com os porcos ocorreu exatamente como uma pequena fração de mim ainda desejava. Mesmo que grande parte de mim ainda não soubesse o que pensar a respeito.

3

Toda história tem um começo, mas eu comecei a contar esta quase pelo fim. Antes, então, que enfiemos os pés pelas mãos, coloquemos certa ordem nas coisas.

Cerca de dois anos antes daquele entardecer que viríamos chamar *tarde dos porcos*, eu e minha irmã Lícia andávamos pelas plantações da fazenda quando decidimos ir para a árvore de onde, sentados, tínhamos uma vista privilegiada de toda a manga dos porcos. Era um de nossos programas favoritos, e nos proporcionava mais de hora de entretenimento observar as atividades dos suínos: o banho na poça de lama que um filete de água vindo do morro produzia bem no início do cercado, a alimentação ruidosa — em que às vezes havia disputas engraçadas ou violentas — ou o incessante fuçar do chão. Lícia, com sua mania de limpeza, criticava muito o banho

de lama. Arrepiava-se toda e não conseguia compreender onde estava o prazer em banhar-se daquele jeito.

Os porcos roncavam seus grunhidos para o dia ensolarado que estava ali pelo meio da manhã. Para mim e minha irmã era mais um dia de liberdade na fazenda, pois estávamos de férias e não tínhamos nenhuma obrigação.

Começamos a dar a volta na manga a fim de chegar à árvore onde ficavam nossos assentos privilegiados, mas certa movimentação no chiqueiro das porcas prenhes, do outro lado, embaixo do barranco, chamou nossa atenção. Trocando um rápido olhar de entendimento, eu e Lícia resolvemos imediatamente verificar o que poderia estar acontecendo. Mal nos aproximamos, compreendemos que o assunto devia ser importante, pois havia requerido a presença de papai, que falava baixo, mas com a autoridade de sempre.

4

Nós ainda não sabíamos, mas Teimoso, que viria a se tornar o nosso porquinho de estimação, havia acabado de nascer. Mas antes que eu coloque novamente os bois atrás do carro, deixe-me dizer como tudo aconteceu.

Ainda da razoável distância em que nos encontrávamos do chiqueiro das porcas prenhes, pudemos ver dentro do cercado três homens, entre eles Nicolau Bacura, uma espécie de faz-tudo de papai. Isso era incomum. Normalmente as porcas necessitam de sossego na hora do parto e costumam ficar nervosas com qualquer presença. Já podíamos sentir um forte cheiro de azeite de mamoma misturado ao ranço dos chiqueiros e ouvir baixinho o ronco de resignação da porca.

Já podíamos também ouvir uns fragmentos de conversa, pois os homens simples da fazenda só se comunicam com algo bem próximo do grito.

— Porco bom nasce de noite, é, de noite, de noite é que nasce — falava Bacura com seu jeito engraçado de repetir indefinidamente pedaços da frase principal.

— O pobrezinho não tem culpa de ter atravessado — apressava-se a esclarecer um dos homens.

E o Bacura, rápido como um telégrafo:

— Mas aí está o porqueira, nasceu, nasceu, é, nasceu. O porqueira, o porqueirinha. E é o último. Nem teta pra ele a porca tem. Nem teta, nem teta, nem teta tem.

— Andem logo com isso — bradava papai com já conhecida impaciência.

Eu e Lícia, ainda a distância, ainda procurávamos compreender alguma coisa do que acontecia, e quando papai falou sua voz de ferro, após ter-se aproximado do chiqueiro, tudo ficou claro.

— Levem pra longe, pra não amargar a porca.